

DO 'EU' PARA O *SELFIE*: AS REPRESENTAÇÕES DO COTIDIANO INCORPORADAS AO CIBERESPAÇO

FROM 'I' TO *SELFIE*: REPRESENTATIONS OF EVERYDAY LIFE INCORPORATED IN CYBERSPACE

Letícia Jury¹

RESUMO

O presente estudo bibliográfico busca investigar como as representações do cotidiano, que segundo Goffman, constituem a socialização moldada e modificada para se ajustar a compreensão e as expectativas da sociedade se configuram no ciberespaço. Se a noção de representação do 'Eu' nas relações sociais ditas presenciais é comum, em que o indivíduo ao se apresentar ao outro tende a incorporar e exemplificar os valores oficialmente reconhecidos pela sociedade, o questionamento é como ela se dá neste cenário em que, para Thompson (2011), não somente enriquece e transforma o processo de formação do *selfie*, como produz um novo tipo de intimidade, e que se diferencia em certos aspectos das características da interação face a face. O ciberespaço é o lugar de encontros e aventuras, conforme Levy (2015), terreno de conflitos mundiais, nova fronteira econômica e cultural, modos originais de criação, navegação no conhecimento e de relações sociais proporcionadas.

Palavras-chave: Comunicação. Sociologia. Representações Sociais. Ciberespaço.

ABSTRACT

The present bibliographic study seeks to investigate how the representations of everyday life, which according to Goffman, constitute socialization shaped and modified to adjust to society's understanding and expectations, are configured in cyberspace. If the notion of representation of the 'I' in so-called face-to-face social relations is common, in which the individual, when presenting himself to the other, tends to incorporate and exemplify the values officially recognized by society, the question is how it occurs in this scenario in which, for Thompson (2011), it not only enriches and transforms the process of forming the *selfie*, but also produces a new type of intimacy, which differs in certain aspects from the characteristics of face-to-face interaction. Cyberspace is a place of encounters and adventures, according to Levy (2015), a terrain of world conflicts, a new economic and cultural frontier, original modes of creation, navigation in knowledge and social relations provided.

Keywords: Communication. Sociology. Social Representations. Cyberspace.

¹ Mestra em Comunicação, Cidadania e Cultura - Faculdade de Informação e Comunicação/Universidade Federal de Goiás (UFG). Especialista em Assessoria de Comunicação (UFG). Esp. em Novas Tecnologias Aplicadas a Educação (Cândido Mendes). Jornalista.

INTRODUÇÃO

Goffman (2014) nos diz que quando um indivíduo desempenha um papel implicitamente solicita de seus observadores que levem a sério a impressão sustentada perante eles. Ao pedir para acreditarem no personagem, que apresenta atributos, o papel que representa terá as consequências pretendidas e as coisas passam a ser o que aparentam (2014, p. 29).

Há um ator que inteiramente compenetrado de seu próprio número, acredita estar representando o real, e um público convencido da veracidade. É o que ele denomina de representação, ou seja, toda a atividade de um indivíduo que se passa num período caracterizado por sua presença contínua diante de um grupo particular de observadores e que tem sobre estes alguma influência.

Segundo Goffman, em presença de outros, o indivíduo geralmente inclui em sua atividade sinais que acentuam e configuram de modo impressionante fatos confirmatórios. Para que sua atividade se torne significativa para o outro, ele precisa mobilizá-la de modo tal que expresse, durante a interação, o que ele precisa transmitir. “De fato pode-se exigir que o ator não somente expresse suas pretensas qualidades durante a interação, mas também que o faça durante uma fração de segundo na interação” (GOFFMAN, 2014, p. 43).

O que o presente estudo bibliográfico busca investigar é como esta prática social, apresentada durante a execução de outras práticas, como nos diz Goffman, e que constitui a socialização “moldada e modificada para se ajustar a compreensão e as expectativas da sociedade” (GOFFMAN, 2014, p. 47), se configura no ciberespaço.

Se a noção de representação do ‘Eu’ nas relações sociais ditas presenciais é comum, em que o indivíduo ao se apresentar ao outro, conforme o Goffman (2014), tende a incorporar e exemplificar os valores oficialmente reconhecidos pela sociedade, como ela se dá neste cenário em que, para Thompson (2011), não somente enriquece e transforma o processo de formação do *selfie*, como produz um novo tipo de intimidade, que não existia antes e que se diferencia em certos aspectos fundamentais das formas de intimidade características da interação face a face?

De acordo com Thompson (2011), os indivíduos se tornam cada vez mais dependentes de um leque de instituições e sistemas sociais que lhes proporcionam os meios – tanto materiais quanto simbólicos – de construção de seus projetos de vida.

O desenvolvimento da mídia é assim uma parte integrante de uma característica dinâmica mais ampla das sociedades modernas, uma dinâmica que se pode descrever como o efeito recíproco de complexidade e experiência prática. Na proporção em que o ambiente social dos indivíduos vai crescendo em complexidade (em parte através da maciça oferta de forma

simbólicas mediadas), os indivíduos vão construindo sistemas de conhecimento prático (extraídos em parte de materiais mediados) que lhes permitem enfrentar esta complexidade e as demandas da vida moderna. A mídia assim tanto contribui para o crescimento da complexidade social quanto proporciona uma fonte constante de conselhos sobre como enfrentá-las. (THOMPSON, 2011, p. 277).

A quase interação mediada, a intimidade não recíproca a distância, “dá aos indivíduos a oportunidade de explorar as relações interpessoais de uma forma vicária, sem entrar na teia de compromissos recíprocos” (2011, p. 278), em que os distantes podem se encaixar em nichos, espaço temporais da vida de cada um, o que se configura em um complexo reordenamento das esferas de experiência.

Nesta ambiência do ciberespaço, as representações vividas permanecem fundamentais, em que as mediadas assumem um papel cada vez maior no processo de formação do self. “Os indivíduos dependem mais e mais de experiências mediadas para informar e remodelar o próprio projeto do self” (THOMPSON, 2011, p. 292).

Ao encontro desta afirmação, Jenkins (2009) contribui com o nosso estudo ao apresentar uma história que circulou em 2001, em que um estudante secundarista filipino-americano, Dino Ignacio, criou no Photoshop uma colagem de Beto, da Vila Sésamo, interagindo com Osama Bin Laden e que foi postada em sua página da internet.

Ao desconhecer a montagem, apoiadores do líder da Al-Qaeda, pesquisando na internet, encontrou a montagem, achou interessante e fez pôsteres para uma manifestação. “Em um dado momento, uma multidão, marchando pela rua, gritando slogans antiamericanos agitavam cartazes com Beto e Bin Laden”. (JENKINS, 2009, p. 28).

Os criadores do programa Vila Sésamo ao descobrirem as imagens que foram transmitidas pela CNN, ameaçaram tomar providências legais. “De seu quarto, Ignacio desencadeou uma controvérsia internacional. Suas imagens cruzaram o mundo, algumas vezes veiculadas por meios comerciais, outras, por meios alternativos”. (JENKINS, 2009, p. 28).

REPRESENTAÇÕES E FENÔMENOS SOCIAIS

Moscovici (2003) define a teoria das representações sociais como uma teoria geral dos fenômenos sociais, pois na sociedade devem existir representações ou valores que lhe deem sentido, que se esforcem para que os indivíduos, convirjam e se unam através de crenças que garantam sua existência em comum. Isto tudo é guiado por opiniões, símbolos e rituais.

Para o autor, as sociedades se despedaçam se houver apenas poder e interesses diversos que unam as pessoas, se não houver uma soma de ideias e valores em que elas acreditam que possam uni-las através de uma paixão comum, que é transmitida de uma geração a outra. “O que as

sociedades pensam de seus modos de vida, os sentidos que conferem à suas instituições e as imagens que partilham, constituem uma parte essencial de sua realidade e não simplesmente um reflexo seu” (MOSCOVICI, 2003, p. 173).

A primazia das representações, a origem social das percepções e das crenças e o papel, algumas vezes de coação, dessas representações e crenças são o pano de fundo da teoria das representações sociais de Moscovici (2003), em que as principais categorias são de origem social.

O autor estabeleceu em seu estudo as mudanças advindas com a tecnologia ao analisar que “essa é a direção na qual processos de pensamento ou conjunto de crenças são mudados e transformados” (2003, p. 195). Segundo ele, vemos as representações sociais se construindo diante dos nossos olhos, na mídia, nos lugares públicos, através desse processo de comunicação que nunca acontece sem nenhuma transformação. As mudanças afetam os sentidos, os conceitos, as imagens, a intensidade e a associação de crenças e sempre expressa em representações.

Delimitando o protagonismo da comunicação, Moscovici (2003) diz que as representações unem a psicologia humana com as questões sociais e culturais contemporâneas. Elas são formadas através de influências recíprocas, de negociações implícitas no curso das conversações, onde as pessoas se orientam para modelos simbólicos, imagens e valores compartilhados específicos.

CIBERESPAÇO E NOVAS RELAÇÕES SOCIAIS

Levy (2015) previa que as redes de comunicação e as memórias digitais englobariam a maioria das representações e mensagens em circulação no planeta. Na sua avaliação, políticas e estéticas deparam com canteiro aberto do ciberespaço, sendo a perspectiva da inteligência coletiva apenas uma das vias possíveis e citando por exemplo “o lugar de invenção de novas regulações sociais” (LEVY, 2015, p. 105).

O ciberespaço é o lugar de encontros e aventuras, conforme Levy (2015), terreno de conflitos mundiais, nova fronteira econômica e cultural, modos originais de criação, navegação no conhecimento e de relações sociais proporcionadas. Campo vasto, aberto, ainda parcialmente indeterminado, que não se deve reduzir a um só de seus componentes. “Ele tem vocação para interconectar-se e combinar-se com todos os dispositivos de criação, gravação, comunicação e simulação” (LEVY, 2015, p. 106).

As definições do autor contribuem para o nosso estudo, que busca compreender as práticas sociais no ciberespaço, ao definir que ele traz consigo maneiras de perceber, sentir, lembrar-se, trabalhar, jogar e estar junto; um sistema inacabado dos equipamentos coletivos da inteligência, uma estonteante cidade de tetos de signos.

Levy (2015) cita algumas relações sociais no ciberespaço como as chamadas, comandadas, remetidas, afastadas, aproximadas, representadas desta ou daquela maneira segundo gostos e ocasiões, são mensagens de qualquer ordem que sejam, que giram em torno dos receptores, doravante situados no centro. As distinções estabelecidas entre autores e leitores, produtores e espectadores, criadores e hermeneutas, confundem-se em proveito de um *continuum de leitura-escrita* que parte dos que concebem as máquinas e redes até o receptor final, cada um deles contribuindo para alimentar, por sua vez, a ação dos outros. (LEVY, 2015, p. 108).

As relações sociais no ciberespaço, conforme o autor, criam instrumentos que favorecem o desenvolvimento do laço social pelo aprendizado e pela troca de saber; o agenciamento de comunicação capaz de escutar, integrar e restituir a diversidade, em vez daqueles que produzem a difusão midiática tradicional; os sistemas que visam o surgimento de seres autônomos, qualquer que seja a natureza; “as engenharias semióticas que permitem explorar e valorizar, em benefício da maioria, os jazigos de dados, o capital de competências e a potência simbólica acumulada pela humanidade” (LEVY, 2015, p. 112).

Ao observar as representações do cotidiano incorporadas ao ciberespaço, que é a proposta deste trabalho, é possível entender o que Levy (2015) nos diz sobre o “nevoeiro informacional, paisagens inéditas e distintas, identidades singulares específicas desse espaço, novas figuras sócio históricas” (2015, p. 25), em que a representação social é marcada pela velocidade das mudanças na comunicação, nas relações com o corpo, com o espaço, vida cotidiana, trabalho. “Além de uma indispensável instrumentação técnica, o projeto do espaço do saber incita a reinventar o laço social em torno do aprendizado recíproco, da sinergia das competências, da imaginação e da inteligência coletiva” (LEVY, 2015, p. 26).

Nesta vertente Charon e Vigilant (2012) nos diz que alguns sociólogos consideram a tecnologia a fonte mais importante de mudança social. A invenção da roda, as técnicas agrícolas modernas, as descobertas na área da saúde, o automóvel, o telefone e o computador mudaram significativamente a sociedade, as comunidades, organizações formais, grupos e díades.

Para os autores, as pessoas normalmente não criam tecnologias com o intuito de mudar a sociedade, mas sim para resolver problemas. Contudo, essas inovações juntas têm profundos efeitos sobre a natureza da sociedade e sobre sua estrutura social, sua cultura e instituições. E quando uma instituição muda, outras instituições mudam também, pois elas estão inter-relacionadas. “À medida que a televisão se torna cada vez mais importante, as escolas públicas, as campanhas políticas e a socialização das crianças vão sendo alteradas consideravelmente” (CHARON, VIGILANT, 2012, p. 241).

Quando as instituições mudam, também mudam outros aspectos da cultura, como normas, valores, objetivos e verdades; a estrutura social também é alterada, a exemplo do que citam os autores, “mudanças na instituição do casamento alteram a relação entre homens e mulheres” (2012, p. 241); e os níveis menores de organização social são afetados, como a burocratização na sociedade influencia as organizações formais individuais a se tornarem cada vez mais burocráticas, assim como a legitimação do divórcio provoca mudanças nos relacionamentos familiares.

Os autores nos apresentam ainda que uma cultura em mudança também influencia a mudança social, altera a estrutura, as instituições e aspectos da cultura, assim como as mudanças na estrutura social certamente afetam as instituições. “Num certo sentido, todos os aspectos importantes da sociedade foram estabelecidos e controlados por e para aqueles que controlavam a subestrutura da sociedade, ou seja, a classe dominante” (CHARON, VIGILANT, 2012, p. 242).

O ‘EU E O SELF’ NOS MOVIMENTOS SOCIAIS

Um tema valioso para a Sociologia da Comunicação e para os estudos da Cibercultura, que trazemos para este estudo, são as representações dos movimentos sociais incorporados às novas plataformas de comunicação e tecnologia, em que observamos a transformação do ‘eu em *self*’, conforme temos dissertado até o momento.

Giddens (2017) contextualiza que os movimentos sociais são tentativas coletivas de modificar a sociedade, e cita como exemplo as mobilizações trabalhistas, sindicalistas, de mulheres, gays e lésbicas, ambientalistas. “Poderíamos dizer que se trata de formas poderosas de ação coletiva, e campanhas bem organizadas e contínuas podem alcançar resultados significativos” (GIDDENS, 2017, p. 326).

Como explica o autor, os movimentos sociais costumam ter ciclos de vida, com diferentes etapas, como por exemplo a ebulição social, quando as pessoas se agitam em relação a algum problema, porém a atividade é desorganizada; há também a excitação social, onde a insatisfação é mais definida e compreendida. Giddens (2017) cita ainda os movimentos oriundos de campanhas eficientes, em que o movimento se torna institucionalizado e aceito como parte da vida política da sociedade.

O contexto social deve viabilizar a formação do movimento; os ativistas precisam sentir uma tensão estrutural entre a realidade e as suas expectativas, o que leva à frustração e desejo de mudanças; as crenças sobre as causas devem ser difundidas; e deve haver um evento disparador, como sanções severas da política durante protestos ou algum incidente simbólico fundamental que faça ressoar a mensagem do movimento. Se esses quatro elementos existirem, há probabilidade de acontecer uma mobilização. A criação de redes sociais de manifestantes e ativistas e, em seguida, a resposta das autoridades são as etapas

finais cruciais e podem muitas vezes ser fatores determinantes para a eclosão ou dissipação dos movimentos (GIDDENS, 2017, p. 327).

Para Giddens (2017), os processos de globalização proporcionam conexões sistemáticas e mais imediatas entre fronteiras nacionais e, com isso, a possibilidade de surgirem movimentos sociais genuinamente internacionais ou globais. As condições, segundo ele, também viabilizam atividades de movimentos sociais, à medida que as pessoas têm uma sensação crescente de que estão perdendo o controle da vida em meio às rápidas mudanças socioeconômicas (2017, p. 329).

Na perspectiva do ciberespaço, Castells (2017) nos diz que os movimentos são conectados em rede de múltiplas formas. O uso das redes de comunicação da internet e dos telefones celulares é essencial, mas a forma de conectar-se em rede é multimodal, inclui redes sociais online e off-line, assim como redes preexistentes e outras formadas durante as ações do movimento. “Formam-se redes dentro do movimento, com outros movimentos do mundo todo, como a blogosfera da internet, com a mídia e com a sociedade em geral” (CASTELLS, 2017, p. 192).

Embora os movimentos tenham em geral sua base no espaço urbano, mediante ocupações e manifestações de rua, Castells (2017) pontua que sua “existência contínua tem lugar no espaço livre da internet” (2017, p. 192). O espaço do movimento é sempre feito de uma interação do espaço dos fluxos na internet e nas redes de comunicação sem fio com o espaço dos lugares ocupados e dos prédios simbólicos visados em seus atos de protesto, diz o autor.

As representações neste sentido, e de acordo com Castells (2017) são simultaneamente locais e globais, pois começam em contextos específicos, por motivos próprios, constituem suas próprias redes e constroem seu espaço público ao ocupar o espaço urbano e se conectar às redes da internet. Ao mesmo tempo são globais, pois estão conectados com o mundo inteiro, aprendem com outras experiências e se envolvem em sua própria mobilização.

Outra característica apresentada pelo autor, é que os movimentos sociais no ciberespaço são virais, seguindo a lógica das redes da internet, em função do efeito de movimentos que brotam por toda parte. “A horizontalidade das redes favorece a cooperação e a solidariedade, ao mesmo tempo que reduz a necessidade de liderança formal” (CASTELLS, 2017, p. 195).

Os movimentos sociais em rede de nossa época são amplamente fundamentados na internet, que é um componente necessário, embora não suficiente, da ação coletiva. As redes sociais digitais baseadas na internet e nas plataformas sem fio são ferramentas decisivas para mobilizar, organizar, deliberar, coordenar e decidir. Mas o papel da internet ultrapassa a instrumentalidade: ela cria as condições para uma forma de prática comum, que permite a um movimento sem liderança sobreviver, deliberar, coordenar e expandir-se. Ela protege o movimento da repressão de seus espaços físicos liberados, mantendo a comunicação entre as pessoas do movimento e com a sociedade em geral na longa marcha da mudança social exigida para superar a dominação institucionalizada. (CASTELLS, 2017, p. 199).

REPRESENTAÇÃO POLÍTICA E DE PODER NA INTERNET

Os estudos de van Dijk (2015), nos apresentam que o processo de informações políticas é frequentemente uma forma de processamento discursivo, também porque boa parte da ação e da participação política é realizada pelo discurso e pela comunicação. Desta forma um representante, ao fazer um discurso no parlamento, expressa suas crenças políticas e pessoais de uma maneira única e em um contexto único.

Ao mesmo tempo, segundo van Dijk (2015), a pessoa fala como um membro do Parlamento ou Congresso, como membro de um partido político e como representante de um eleitorado e expressa normas e valores culturais compartilhados por todos os outros grupos da mesma cultura (2015, p. 198). O autor nos chama a atenção para analisarmos o papel do contexto político do discurso e como ele é definido cognitivamente e gerenciado pelos atores políticos na produção e compreensão da fala e escritas políticas.

Outro autor que contribui para o nosso estudo, Charadeau (2006), define o discurso político como um fenômeno complexo (2006, p. 251), pois ele resulta de um conjunto de fatos, sendo eles políticos, sociais, jurídicos e morais, que pertencem a ordens diferentes, mas que ao mesmo tempo se cruzam constantemente.

O discurso político não tem sentido fora da ação, o que se relaciona ao exercício de um poder. “Discurso e ação são dois componentes da troca social que, ao mesmo tempo, têm autonomia própria e se encontram em uma relação de interdependência recíproca, mas não simétrica” (CHARADEAU, 2006, p. 253).

Como este discurso político também foi incorporado ao ciberespaço? Castells (2013) analisa que “somos tempo personificado, e o são nossas sociedades formadas pela história” (2013, p. 523). Conforme o autor, a transformação do tempo sob o paradigma da tecnologia da informação delineada pelas práticas sociais, é um dos fundamentos da nossa nova sociedade, irremediavelmente ligada no surgimento de espaços de fluxos.

Desta forma, redes constituem a nova morfologia social de nossas sociedades e a difusão da lógica de redes modifica de forma substancial a operação e os resultados dos processos produtivos de experiência, poder e cultura. O novo paradigma da tecnologia da informação fornece a base material para sua expansão penetrante em toda a estrutura social.

Para Castells (2013), a presença na rede ou a ausência dela e a dinâmica de cada rede em relação às outras são fontes cruciais de dominação e transformação de nossa sociedade. “A sociedade em rede representa uma transformação qualitativa da experiência humana” (2013, p. 573).

Na avaliação do autor, se recorrermos à antiga tradição sociológica segundo a qual a ação social no nível mais fundamental pode ser entendida como o padrão em transformação das relações entre a Natureza e a Cultura, “realmente estamos em uma nova era” (2013, p. 573).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As transformações ocorridas nos últimos tempos, com o advento da tecnologia, principalmente das redes sociais, tem impactado a vida em sociedade, no campo educacional, profissional, no cotidiana, nas relações interpessoais. O tema escolhido para este artigo, ‘Do eu para o selfie: as representações do cotidiano incorporadas ao ciberespaço’, é relevante para a sociologia da comunicação por buscar compreender as relações sociais em diferentes contextos mediados, seus desafios e complexidades.

Analisar o indivíduo na ótica dos estudos de Goffman (2014), de teatralização e execução de papéis, de posturas distintas de acordo com o ambiente, a intenção de cada fala ou gesto, as consequências pretendidas, e fazer uma imersão no ciberespaço de Levy (2015), neste lugar de invenção de novas regulações sociais, é buscar compreender a superexposição nas redes sociais, por meio de postagens de imagens, comentários, vídeos, até mesmo de comportamentos que não são os mesmos da interação face a face, como nos diz Thompson (2011).

Pensar as representações sociais do cotidiano incorporadas às plataformas digitais é entender o que Moscovici (2003) pontuou sobre a tecnologia ser a direção na qual processos de pensamento ou conjunto de crenças são mudados e transformados cotidianamente, sobretudo por meio de processos de comunicação. Desta forma é possível responder os porquês de pessoas que não tem comportamentos agressivos nas suas relações presenciais se tornarem membro de grupos de ódio, de perseguição, escrevem mensagens pejorativas, defenderem causas que não condizem com suas práticas diárias, ou seja, de se esconderem atrás de aparelhos tecnológicos e promover atos de vandalismo virtual.

É a teatralização da vida privada nas redes sociais, seja no marketing pessoal para o mercado de trabalho, em que muitas vezes se constrói uma imagem de um profissional qualificado, preparado, motivado, e que nem sempre condiz com a realidade; seja na execução de papéis com finalidades específicas de manipulação dos seguidores. O aparecimento da figura do ‘influenciador digital’, dos mitos, das tendências que antes no mundo off-line influenciavam parte da população hoje arrastam multidões de seguidores também pode ser um objeto de estudo se seguirmos este viés de observação.

Na política, em diferentes esferas, desde as câmaras municipais de pequenas cidades ao palácio do planalto, é possível analisar os investimentos dos líderes políticos em seus perfis pessoais nas redes sociais, em que muitos se arriscam em lives, e se apropriam de todas as tecnologias e canais de comunicação para a promoção das suas imagens, do self, da criação de personagens com objetivos específicos.

E isto se dá, na maioria das vezes, por meio da criatividade de seus assessores de comunicação e profissionais da área de marketing, que conseguem criar identidades em diferentes formas possíveis, em que muitos usam o humor, gestos, linguagens, em um investimento contínuo na publicização da vida privada e potencializa aspectos que vão ao encontro do que o seu eleitor almeja.

O estudo nos permite entender, que muitos movimentos sociais são coordenados por ‘ativistas de sofá’, agitadores capazes de mobilizar grupos, criar manifestos, postar e repostar vídeos, cards, imagens, muitas vezes com informações manipuladas e que são amplamente compartilhadas pelas plataformas online e impulsionados de maneira comercial. A migração do ‘eu para o selfie’ se dá na perspectiva de que no ciberespaço estes personagens são ativos, mas na vida cotidiana são apáticos. Os *haters* que praticam os discursos de ódios, o *cyberbullying*, nem sempre se materializam na vida cotidiana.

O presente estudo busca lançar ideias para o desenvolvimento de investigações no campo da Comunicação e da Sociologia que almejam entender por que o Brasil ocupa a terceira posição mundial em uso de redes sociais, em que são quase cinco horas diárias de navegação pelos internautas brasileiros; e porque mais de 100 milhões de brasileiros acessam o *Youtube* todo mês. E principalmente qual a finalidade, o uso, os canais acessados, a postura, o papel desempenhado, o que é postado, se o ‘eu migrou para o self’, ele incorpora quais características do off-line para o online?

Já adiantamos que as representações do cotidiano migradas para o ciberespaço são marcadas pela intangibilidade, volatilidade, mobilidade das informações, instantaneidade, fugacidade, alcance global, a possibilidade de ação sem contato físico, o anonimato ou a superexposição; muda o ser humano e a sociedade. Perspectivas de estudos e pesquisas contínuas em meio as impossibilidades de encerrar as discussões, em um mundo que a cada segundo é mutável.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CASTELLS, Manuel. A transformação do mundo na sociedade em rede. In: **Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet**. Rio de Janeiro: Zahar, 2017. pp. 189-206.

_____. Manuel. O limiar do tempo: tempo intemporal. In: **A sociedade em rede. A era da informação economia, sociedade e cultura.** São Paulo: Paz e Terra, 2013. pp. 523-564.

_____. Manuel. Conclusão: a sociedade em rede. In: **A sociedade em rede. A era da informação economia, sociedade e cultura.** São Paulo: Paz e Terra, 2013. pp. 565-573.

CHARAUDEAU, Patrick. **O discurso político.** In: Análise do discurso: gênero, comunicação e sociedade/ Wander Emediato, Ida Lúcia Machado, William Menezes (org). Belo Horizonte: Núcleo de Análise do Discurso, Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Faculdade de Letras da UFMG, 2006.

CHARON, Joel M; VIGILANT, Lee Garth. Mudança Social. In: **Sociologia.** São Paulo: Saraiva, 2012. pp. 225-246.

DIJK, Teun A. van – **Discurso político e cognição política.** In: Discurso e poder. São Paulo: Contexto, 2015. pp. 197-232.

GIDDENS, Anthony. Sociologia Política. In: **Conceitos essenciais da Sociologia.** São Paulo: Editora Unesp, 2017. pp. 301-340.

GOFFMAN, Ervin. Representações. In: **A representação do eu na vida cotidiana.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2014. pp. 29-89.

JENKINS, Henry. Venere no altar da convergência: um novo paradigma para entender a transformação midiática. In: **Cultura da convergência.** São Paulo: Aleph, 2009. pp. 27-53.

LEVY, Pierre. Introdução. In: **A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço.** São Paulo, Edições Loyola, 2015. pp. 19-36.

_____. A arte e a arquitetura do ciberespaço. Estética da inteligência coletiva. In: **A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço.** São Paulo, Edições Loyola, 2015. pp. 105-116.

MOSCOVICI, Serge. A história e a atualidade das representações sociais. In: **Representações sociais: investigações em psicologia social**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003. pp. 167-214.

THOMPSON, John B. O eu e experiência num mundo mediado. In: **A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011. pp. 263-294.